



**J**ORNADAS  
DE ESTUDOS  
CLÁSSICOS E  
HUMANÍSTICOS  
DE PARINTINS

**ANAIS**

**UEA-UFAM**  
**Latinitates**

20, 21 e 22 de outubro de 2022

Weberson Fernandes Grizoste  
(Org.)

# Anais da III Jornadas de Estudos Clássicos e Humanísticos de Parintins

<http://latinitates.com/>  
<https://amazonas.academia.edu/latinitas>  
<https://www.facebook.com/latinitates/>  
<https://www.youtube.com/latinitates>

Arte da capa: Renner da Silva Carvalho  
Diagramação: Weberson Fernandes Grizoste  
Revisão: Alexsandro Melo Medeiros

ISBN: 978-65-00-53317-0  
ISBN digital: 978-65-00-53319-4

Latinitates – Estudos Clássicos e Humanísticos  
Centro de Estudos Superiores de Parintins  
Universidade do Estado do Amazonas  
Parintins – AM  
2022

- Homoerotismo na antiguidade clássica.** Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da UFRJ, p. 101-123.
- F. Lourenço (2013). **Homero. Ilíada.** São Paulo: Companhia das Letras.
- A. S. Viegas (2012). «A arrogância de Aquiles e a doçura de Pátroclo: a narrativa de uma *philia* mediada pelo equilíbrio entre *hybris* e *sofrosýnes*». **Principia: Revista do Departamento de Letras Clássicas e Orientais do Instituto de Letras**, pp. 71-79.
- A. S. Viegas (2013). «O amor de Aquiles: de quem é o coração do herói mais belo da Ilíada de Homero? Pátroclo ou Briseis?». **Nearco: Revista Eletrônica de Antiguidade**, pp. 27-43.
- M. O. Mendes (2005). **Virgílio. Eneida.** São Paulo: Ateliê Editorial.



## A JUSTA MEDIDA: DO CARPE DIEM AO HAKUNA MATATA

André Luís Martins Rodrigues [SEMED]  
(orientador) Weberson Grizoste [CESP-UEA]

**Resumo:** *O artigo discute as semelhanças dos conceitos da justa medida proposta por Horácio, sintetizada na expressão carpe diem e de sua relação com a expressão hakuna matata vivenciada pelas personagens Timão e Pumba na trilogia cinematográfica O Rei Leão, verificando até que ponto o pensamento de Horácio perpassa na filosofia de vida das personagens e como pôde ser transposto para a via cinematográfica, através do processo de transposição intersemiótica.*

**Palavras-chave** *carpe diem, hakuna matata, Timão e Pumba, justa medida.*

O conceito de Horácio acerca da justa medida no viver propõe o equilíbrio nas ações e o distanciamento de tudo aquilo que possa causar dor e perturbações para a vida. Para o poeta, o homem necessita viver o hoje e aproveitar o agora como se fosse o seu último dia. Condena, por outro lado, aqueles que vivem nos abusos dos prazeres da vida, tal como prega o hedonismo da escola cirenaica, que preconizava “o prazer (*hedonê*) era o fim supremo da vida humana e,

portanto, o homem deveria buscar todo prazer e evitar toda dor” (SOUZA; MELO, 2013, p.02). A filosofia de vida do poeta Horácio resume-se, portanto, pode ser resumida na expressão do *carpe diem*, encontrada em seu primeiro livro de odes (I.11), que basicamente significa “colher o dia”.

De outro lado, temos a expressão *hakuna matata*, popularizada a partir da trilogia de filmes O Rei Leão (1994). O enredo da trama gira em torno do leão Simba, herdeiro legítimo de seu pai Mufasa, em sua jornada para reconquistar o trono que lhe fora destinado, após seu maquiavélico tio Scar ter arquitetado a morte do próprio irmão e tomar o reino para si. No período em que se encontra longe de seu reino, Simba conhece e passa a conviver temporariamente com as personagens Timão e Pumba, até o momento em que decide reivindicar, de fato, o trono. São estes personagens, que apresentam a Simba a filosofia do *hakuna matata*. Em decorrência do tamanho sucesso e aceitação que estas personagens, originalmente secundárias, obtiveram do público, uma série em spin-off, protagonizada por ambos, foi exibida entre 1995 e 1999, contando com um total de 88 episódios e apresentando as aventuras da dupla de amigos.

À primeira vista, o *carpe diem* de Horácio e o *hakuna matata* de Timão e Pumba apresentam certo nível de semelhança, haja vista que a premissa de ambas filosofias consiste no alcance de uma vida afastada de perturbações que podem impedir de se gozar de uma vida plena e tranquila. De acordo com Silva, a expressão *hakuna matata*, que as personagens Timão e Pumba tomam como base norteadora de suas ações, é uma filosofia de vida expressa num lema, uma expressão coloquial que é quase um mantra e que apregoa etimologicamente a não existência dos problemas (na tradução do dialeto suaíle para o português, temos: *hakuna* = no; *matata* = trouble; isto é, sem problemas ou não há problemas) (SILVA, 2018, p. 40).

Horácio já nos falava de uma vida livre de perturbações, que é alcançada através da prática da áurea justa medida: o comedimento e o equilíbrio na tomada de ações. Da mesma forma que o *hakuna matata*, podemos sintetizar o pensamento horaciano na expressão *carpe diem*. De acordo com o poeta, uma vida desregulada e desequilibrada geralmente acarreta uma consequência negativa em proporção equivalente. Semelhantemente, o lema de Timão e Pumba prega, à primeira vista, uma vida livre de preocupações e de problemas.

## **DA POESIA AO ECRÃ: RELAÇÕES INTERPOÉTICAS**

Para Rodrigues, as vias cinematográficas são um instrumento essencial para a permanência do conhecimento acerca da cultura clássica na modernidade. O teórico afirma que “sendo a banda desenhada uma das formas de arte mais apreciadas no mundo contemporâneo, o recurso aos temas da Antiguidade Clássica permite uma aproximação de um público, aparentemente menos atraído pelo peso da erudição dos clássicos e respectivos conteúdos” (RODRIGUES, 2003, p. 80). Nesse sentido, a banda ou desenho animado acaba por difundir os temas remetentes à antiguidade clássica a um público que não, a princípio, pode não demonstrar interesse pelos temas e autores clássicos. As obras analisadas por Rodrigues (2003) apresentam um panorama de como a sociedade greco-romana se constituía no período clássico. Apesar da representação fiel aos elementos daquela época, tal como vestimentas, costumes etc., o autor afirma que estas bandas desenhadas estão sujeitas a erros ao apontar as incongruências históricas que podem ser encontradas nestas produções. Podemos concluir, portanto, que a tradução intersemiótica é um processo que não está isento de erros.

A trilogia de filmes do Rei Leão não utiliza de nenhum elemento histórico que estejam diretamente ligado à antiga sociedade romana, período no qual Horácio compôs suas odes. Pelo contrário, a ambientação do enredo do filme ocorre no habitat da savana africana. As personagens, por sua vez, são compostas inteiramente por animais pensantes. Silva segue a classificação proposta por Goodenough, de que “sob a perspectiva filosófica os filmes podem ser agrupados em três categorias: a) filmes que ilustram teorias filosóficas; b) filmes sobre filosofia; e filmes que são filosofia” (SILVA, 2018, p. 43). Segundo a classificação apresentada pelo teórico, podemos afirmar que a referida série de filmes é pertencente ao primeiro grupo, pois as personagens aludem de forma indireta aos princípios postulados nas filosofias.

Os elementos que remetem à antiguidade clássica são as filosofias pregadas e incorporadas no modo de vida levado por Timão e Pumba. A própria cantiga entoada pela dupla confirma que os dois vivem sob a égide de uma filosofia. Na letra original da canção, descreve-se uma forma de se viver desprovida de preocupações para o resto da vida:

*bakuna matata*,  
que frase maravilhosa,  
*bakuna matata*  
não é uma loucura passageira.  
Isso significa nenhuma preocupação  
para o resto de seus dias,  
é o nosso “livre de problemas”,  
uma filosofia,  
*bakuna matata*” (CAVARIANI, 2016, p. 76).

Nota-se que, na canção, a filosofia não é tratada como se fosse algo momentâneo e efêmero. Pelo contrário, a expressão é tratada como algo que a dupla deve praticar pelo resto de suas vidas. É interessante destacar aqui para o fato de que o conteúdo da música apresentada nos filmes estar relacionado apenas à história de Pumba. Na composição, é revelado o drama dos motivos que levaram o javali a ser abandonado por todos os outros animais. Esta opção dos compositores não seria despropositada, considerando que a personagem mencionada, é aquela que se mais aproxima das práticas da filosofia epicurista, e portanto, seria a mais adequada para ser representada na canção.

Apesar de, no filme, a expressão do *bakuna matata* ser apresentada primeiramente a Timão, e ser esta a personagem mais determinada da dupla a alcançá-lo, os produtores optaram por não o contemplar na composição da canção oficial que é apresentada no filme. Se a canção estivesse voltada para a história de vida de Timão, poderíamos notar um contraste nítido entre o refrão e as estrofes, pois o refrão fala sobre a vivência do *bakuna matata*, totalmente oposta à personalidade de Timão, pois a vivência do suricate aproxima-se muito mais das práticas pregadas pela escola hedonista cirenaica.

Para que os conceitos da justa medida horaciana sejam transpostos ao longa-metragem em forma de via cinematográfica é necessário que se haja uma reformulação, pois trata-se da transposição inter-artes. A via cinematográfica configura-se como uma arte mais complexa, pois envolve várias outras artes para ser composta, como afirma Diniz: “o material de expressão do sistema cinematográfico é constituído não só de imagens, mas também de palavras, signos impressos, música e ruídos” (DINIZ, 1998, p. 316). Para este processo, utiliza-se o recurso da transposição intersemiótica, que diz respeito

entre a transição de uma arte para outra. Para Diniz, “a tradução intersemiótica, definida como tradução de um determinado sistema de signos para outro sistema semiótico, tem sua expressão entre sistemas os mais variados” (DINIZ, 1998, p. 313). Neste caso, especificamente, tratamos da transposição intersemiótica que parte da literatura para a via cinematográfica. Não nos propomos aqui a afirmar que os criadores da trilogia de filmes se basearam diretamente nos escritos de autores como Horácio, mas procuramos demonstrar que a filosofia do filme em questão assemelha-se de modo considerável ao que estes autores nos legaram em seus escritos.

Uma das possibilidades do processo de tradução intersemiótica da qual nos fala Diniz, é a utilização dos equivalentes, recurso no qual uma imagem verbal seria representada por outros sistemas de signos, e que de acordo com a teórica, “muitas partem diretamente do texto, embora retomadas de modo diferente, outras derivam da interpretação do cineasta” (DINIZ, 1998, p. 317-318).

Em *Rei Leão 3*, podemos pontuar algumas imagens visuais que poderiam fazer alusão aos temas cantados por Horácio em suas odes, representado na forma de imagens verbais. A contraposição da constituição dos ambientes, no filme, poderia atuar como um desses equivalentes: a comunidade dos suricates convive em um ambiente árido e escuro, onde devem viver trabalhando para não se tornarem alvos das hienas. A coloração pesada e tonalidade escura cria um clima tenso ao ambiente. Este ambiente poderia representar aquilo que Horácio procurava afastar: uma vida atormentada com as perturbações externas.

De outro lado, temos o paraíso alcançado por Timão e Pumba. A floresta onde a dupla finalmente acredita vivenciar a filosofia do *bakema matata*, por sua vez, é totalmente contrária à representação da comunidade de suricates. O ambiente encontrado por Timão e Pumba é apresentado em tonalidades mais vivas. Os locais mostrados são repletos de cachoeiras, espaços abertos em contrapartida ao ambiente fechado e escuro dos túneis dos suricates, além da abundância de insetos à disposição da dupla. Toda esta composição criada teria como finalidade representar a tranquilidade e o sossego da vida daqueles que optam por apartar-se para longe de seus problemas externos.

De modo bastante semelhante, Horácio constrói, em sua lírica, um ambiente supostamente desagradável para aqueles que não se

portam sob os princípios da áurea justa medida: Quem quer que a áurea justa medida ame | a são e salvo à miséria se esquivará | de uma casa em ruínas (Hor. *Carm.* II.10.5-7).

De outro lado, a representação que Horácio faz do ambiente onde o homem deveria aproveitar o momento presente tem uma constituição contrária ao que fora representado no exemplo anterior; uma casa em ruínas. Pelo contrário, o ambiente descrito pelo poeta na ode 1.4 é vivo e colorido. Horácio utiliza a chegada da primavera cantar em seu poema, e supõe-se que o ambiente descrito é agradável e prazeroso, em contrapartida ao ambiente que lhe antecedeu: o inverno:

“Agora é tempo de cingir a luzidia testa com o verde  
mirto,

ou com a flor que a terra livre trouxe;

é hora de oferecer nos umbrosos bosques a Fauno

sacrifícios,

quer exija uma cordeira, quer prefira um cabrito” (Hor.

*Carm.* 1.4.9-12).

Em Rei Leão, o ambiente em que Timão, Pumba e Simba vivem o *bakuna matata* é semelhante ao ambiente apresentado por Horácio. Ambos podem representar a vivacidade daqueles que vivem seguindo os preceitos da justa medida.

Por fim, podemos concluir que há, de fato, uma essência carpediana que atravessa significativamente a intenção da expressão *bakuna matata*. Ambas se resumem a máximas que exortam para a vivência de uma vida afastada de problemas e despreocupada. A aplicação dos princípios destas máximas proporcionaria ao praticante gozar da plena tranquilidade do corpo e da alma, tal como fora o objetivo da ataraxia proposta por Epicuro, que por sua vez influenciou fortemente o pensamento de Horácio. O diferencial, porém, reside na própria vivência praticada pela dupla de amigos. As personagens inovam o conceito do que deveria ser o *bakuna matata*, dando novas tonalidades à sua filosofia.

Podemos concluir que não seria possível prosseguir com a vivência do *bakuna matata*, se não fosse a conjunção das personalidades singulares de cada um deles, pois elas se contrabalançam entre si. Enquanto Timão é astuto, e deseja alcançar a todo custo seus objetivos, Pumba conforma-se com aquilo que lhe é oferecido. A filosofia do

*hakuna matata*, portanto, se sustenta nesse equilíbrio, expressado pela amizade de Timão e Pumba.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- H. A. Silva (2018), «Ética e filosofia em Timão e Pumba: cinismo, cinismo, epicurismo e estoicismo» **Imaginário!** 14. p. 39-65.
- J. Q. Moraes (2010), **Epicuro. Máximas Principais**. São Paulo: Loyola.
- N. S. Rodrigues (2003) «A Antiguidade Clássica em Banda Desenhada» in J. Ferreira, P. B. Dias, (orgs.), **Som e Imagem no Ensino dos Estudos Clássicos**. Coimbra: FLUC, 51-81.
- O. M. Souza, J. P. Melo (2013), «O hedonismo de Epicuro e o hedonismo da escola cirenaica», **Seminário de Pesquisa do PPE**, p. 1-11.
- P. B. Falcão (2008). **Horácio. Odes**. Lisboa: Cotovia.
- T. F. N. Diniz (1998), «Tradução intersemiótica: do texto para a tela», **Cadernos de Tradução** 3, 313-338.
- T. M. B. Cavariani (2016) «Análise da tradução da canção ‘*Hakuna matata*’ do inglês para o português brasileiro» in A. Zavaglia, B. Z. Silva, T. M. P. Sarmiento (orgs.). **Estudos tradutológicos: primeiros passos** 1. p. 70-77.



### AS CONTRADIÇÕES EM CATULO

Ely Raimunda Barros Evangelista [SEMED]  
(orientador) Weberson Grizoste [CESP-UEA]

**Resumo:** *Este estudo é uma sucinta análise dos carmes catulianos tendo como principal objetivo assinalar as contradições, sejam através do uso de aliterações, antíteses e até mesmo de suas confusões sentimentais. Tal pesquisa faz uso da metodologia bibliográfica e é resultado de artigo de defesa da Conclusão de Curso, onde o estudo em tese obtém três capítulos, porém aqui faz-se um recorte utilizando somente o capítulo das contradições analisadas a partir dos carmes de Catulo.*

**Palavras-chave:** Catulo, Contradições, Poesia.